

II SEMINÁRIO INTERNACIONAL ESPAÇOS NARRADOS:
AS LÍNGUAS NA CONSTRUÇÃO DOS TERRITÓRIOS IBERO-AMERICANOS

Luis Antonio Jorge
Organizador



FAUUSP
São Paulo, 2019

II SEMINÁRIO INTERNACIONAL ESPAÇOS NARRADOS AS LÍNGUAS NA CONSTRUÇÃO DOS TERRITÓRIOS IBERO-AMERICANOS

O seminário propõe discutir as representações dos espaços e territórios ibero-americanos, com destaque para o papel das línguas na constituição dos imaginários, das paisagens e dos seus significados.

A narrativa como forma de reconhecimento, compreensão e proposição de um devir é, portanto, o foco de interesse do seminário: as línguas portuguesa, espanhola e nativas configuram os patrimônios culturais identificados com lugares e sistemas de comunicação de sentimentos, percepções e visões de mundos em trânsito e em diálogo por estes múltiplos territórios.

Conhecer a variedade das narrativas nos seus mais diversos propósitos, meios, suportes e linguagens é uma forma de abordar os significados construídos sobre os lugares ibero-americanos.

Voltemos a nossa atenção para as ações produzidas pela consciência inscrita nas línguas ao se confrontarem com o desafio do conhecimento do espaço, do território, da paisagem e do lugar: descrever,

inventariar, discriminar, ordenar, cartografar, valorizar, eleger, formular, propor, fundamentar, imaginar, visualizar, representar e desenhar.

A viagem é um tema onipresente nos espaços narrados - a própria narrativa é, antes de tudo, viagem – espaços apresentados pela perspectiva do narrador a outrem. As línguas, sejam como instrumentos de representação dos territórios físicos ou imaginados, sejam como atividade do pensamento, são essencialmente viagem: trânsito entre o visto e o imaginado, entre o percebido e o interpretado, entre a forma e o significado, entre a imagem e a palavra, entre a fala e a escrita. E sendo viagem, as línguas são, sobretudo, aproximações.

Com igual importância, na proposta deste seminário emerge um outro tema central: o reconhecimento da valiosa contribuição da literatura para a arquitetura e o urbanismo, para a sensibilização e para o entendimento da nossa sociabilidade, das nossas imensas culturas urbanas, das nossas expressões sobre o morar e o viver, das nossas cidades e da nossa gente.

Livros, revistas e jornais; romances, crônicas e poesias; manifestos, discursos e aulas; relatos, descrições e inventários; mapas, cartas e documentos; pintura, fotografia e cinema – narrativas sobre espaços, narrativas sobre nós mesmos, presentes na arquitetura e no urbanismo.

SUMÁRIO

I - AS CRÔNICAS, OS INVENTÁRIOS E A LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DOS LUGARES

- 12 AFETO E LUGAR NAS NARRATIVAS DE ELIZABETH BISHOP
HelioHerbst
- 35 CRÔNICAS E ANÚNCIOS: REVELAÇÕES DA MULHER MODERNA NA CIDADE E NA CASA
Sabrina Fontenele
- 56 NARRATIVAS URBANAS DE AUTORIA FEMININA: AS CIDADES DE CAROLINA MARIA DE JESUS
E CONCEIÇÃO EVARISTO
Isadora C. T. Monteiro
- 74 O SUBÚRBIO É UM FOLHETIM: O RIO DE CLARA DOS ANJOS
Francesca Angiolillo
- 95 UM OLHAR CARTOGRÁFICO SOBRE A LITERATURA: PERCURSOS PELO RIO DE JANEIRO
NA OBRA DE LIMA BARRETO
Juliane Porto C. Medeiros
Ana Elisabete A. Medeiros
- 118 OS BIOGRAFEMAS DE UMA CIDADE-LIVRO NA CARTOGRAFIA MACHADIANA DO
RIO DE JANEIRO
Priscila Fernandes
AndreBalsini
- 146 A BAHIA DE CAYMMI
Lígia Ferreira de Araujo
Artur Rozestraten

V - CARTOGRAFIA, DESENHO E PALAVRA

- 1036 LUGAR, VIVÊNCIA E PROJETO: NARRATIVAS PARA O DESENHO EM ÁREAS PRECÁRIAS
Marina Grinover
- 1059 RELATO DE EXPERIÊNCIAS EM TRÂNSITO: CARTOGRAFANDO MARIO DE ANDRADE,
ARQUITETURA E CIDADE
Volia Regina C. Kato
Maria Isabel Villac
- 1082 O DESASTRE DE GOIÂNIA COM O CÉSIO 137: CARTOGRAFANDO MEMÓRIAS
OU ESQUECIMENTOS?
César Bastos M. Vieira
Laura Carvalho Nunes
Diogo Vaz da Silva Júnior

VI - TRADUÇÃO E TRÂNSITO ENTRE LINGUAGENS

- 1104 SOBRE ESPAÇOS E NARRATIVAS: A BIBLIOTECA COMO LUGAR DE MEMÓRIA, CULTURA
E TRANSMUTAÇÃO
Eneida de Almeida
Myrna A. Nascimento
- 1120 A CIDADE (D)ESCRITA À EXAUSTÃO: DO INVENTÁRIO URBANO CHAMADO
COMÉDIA HUMANA, AO ESGOTAMENTO DE UM LUGAR PARISIENSE.
Joana Barossi
- 1149 METACIDADE: BRASÍLIA LIDA POR HAROLDO DE CAMPOS
Alexandre Benoit
- 1168 ARQUITETURA COMO LITERATURA: ASPECTOS DE UMA LINGUAGEM EM COMUM
Flavio de Lemos Carsalade
- 1197 CIDADES ESCRITAS. TEXTOS HABITÁVEIS. - VISUALIDADE E LUGAR LITERÁRIO NA PAISAGEM,
CIDADE E ARQUITETURA
Patrícia Andrea S. Osses

CIDADES ESCRITAS. TEXTOS HABITÁVEIS:

VISUALIDADE E LUGAR LITERÁRIO NA PAISAGEM, CIDADE E ARQUITETURA.

Patricia Andrea Soto Osses, Doutora em Artes Visuais (ECA-USP). Professora Adjunta em Fotografia / Departamento de Artes e Letras – UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

*Quando forem ao mercado central de Temuco, entrando pela porta principal, vão direto ao fundo pelo corredor da direita. Na loja da esquina, na última fila rente à parede, frente àquela outro quiosque do lado esquerdo, prestem muita atenção. Ali eu nunca estive.
(Hector Soto, Santiago de Chile, 2007)*

A literatura de ficção sempre foi uma maneira introdutória de me relacionar com um lugar, antes de qualquer dado físico ou objetivo. A interpretação subjetiva desse lugar, a ocorrência de acontecimentos que ele porventura tivesse a capacidade de abrigar e sua realidade como um depósito de improbabilidades me pareciam ampliar seu potencial em direção à existências muito mais instigantes.

Este processo de pesquisa (que se iniciou na tese de doutorado “Entre o livro e o lugar”¹) começou com uma pergunta: pode um discurso literário relativo ao lugar transformar-se em discurso visual? O desenvolvimento desta questão propicia reflexões na interface literatura, cinema, música e artes visuais, além de, no exercício de uma poética própria, o entendimento e a experiência do espaço proposto, onde lugar físico e lugar ficcional são igualmente princípios ativadores do processo de criação de trabalhos audiovisuais.

A tese de doutorado tratava da produção de visualidades a partir do deslocamento a lugares definidos poética, física e geograficamente pela ficção literária. A investigação aprofundou-se na relação entre visualidade, texto literário e lugar a partir de dois autores: a Buenos Aires de Jorge Luis Borges, na Argentina, e a Nevers de Marguerite Duras, na França. Foi desenvolvida pesquisa bibliográfica, biográfica e geográfica sobre esses autores a partir de um período de residência em cada lugar, em intercâmbios com a UBA (Universidad de Buenos Aires) na Argentina e com a Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne na França. A partir das residências, trabalhou-se na produção de um corpus de obras visuais relacionado diretamente à situação literário-geográfica experimentada.

No reconhecimento de uma autonomia dos universos construídos pela ficção, a pesquisa se dirige - agora no âmbito de um projeto de pós-doutorado assim como no exercício da docência - a um sentido inverso do encontrado no universo literário: na procura dos lugares reais a partir dos ficcionais, na constatação de uma memória construída a partir de um repertório relacionado a lugar, e nas possibilidades de transformação e permeabilidade dos discursos literário e visual na construção de uma poética própria.

1 Orientada pelo prof. Dr. Carlos Fajardo e defendida na ECA-USP, Departamento de Artes Visuais, em 2015.

Evito pensar na literatura como roteiro, ou em sua tradução, ilustração, apropriação ou citação no universo visual. Prefiro palavras como intersecção, paralelismo, permeabilidade, reação. Nessa interface literatura-lugar-imagem entra o componente essencial de uma poética da sensação. No experimentar como uma experiência física e corpórea de lugar e sua correspondente memória ficcional - constituída por lembranças alheias ou inventadas relacionadas diretamente a esse lugar- podem afetar, modificar e construir uma à outra.

Trata-se do deslocamento a lugares onde nunca estive ou dos que, invisibilizados por um habitar cotidiano, se tornem perceptíveis e reconhecíveis através de uma memória ficcional e alheia, somada ao entendimento e à experimentação de seus espaços. A origem desse deslocamento está no livro, no conto, no romance, no lugar que constróem. Num caminho inverso, é também onde pode reverberar o sentido das imagens.

Penso em um paralelismo permeável: ambos os lugares, o escrito e o visível, conversam, tangenciam, se tocam, se reconhecem ou se repelem, mas não são o mesmo.

Dessa forma, o lugar se configura como ponto de partida para toda uma discussão literária e visual, seja ele real ou ficcional. Na produção de um corpus visual decorrente dessas experiências e reflexões, a ideia é dar a ver esse lugar modificado, mapeado, entendido, interpretado como um terceiro lugar.

Como artista visual, meu campo de trabalho se dirige, além da pesquisa intermediática possível, ao enunciar de uma questão que ative tanto a investigação como a produção artístico-literária, desenvolvendo a pesquisa em torno de uma práxis reflexiva. O processo de realização das obras vêm a resultar tanto da construção de um repertório urbano e espacial quanto literário, da experiência dessa literatura no lugar onde ela se originou, da releitura de textos em

lugares públicos ou privados que pedem reconhecimento ou reinvenção. Surgem a partir da circulação diária e cotidiana nos espaços e edifícios da cidade, da vivência do idioma e suas especificidades locais, da busca por uma cidade (ou da parte dela) que contenha uma densidade histórica fundamental. Dessa forma, a ficção sobre o lugar se configura como um motor de deslocamento, e a literatura funciona como elemento detonador desse movimento.

Como “posta em lugar do texto” (mis-en-place), na prática de um percurso literário na cidade de São Paulo e suas relações possíveis com a cidade em uma experiência artístico-didática², observaram-se as diversas relações entre texto e lugar, a citar:

- casa, cidades, ilhas de escritores: a relação do espaço biográfico do escritor com o texto;

- casas e lugares pertencentes à memória ou à história de personagens fictícios, numa espécie de verosimilhança e legitimidade possível com a ficção;

- lugares que albergam mitos, fábulas ou significados religiosos;

- lugares carregados de historicidade;

- lugares-tema, ou arquétipos de lugar: o porão, a escada, o armário, o rio, o mar, a escada, a ponte, o cais;

- lugares de forte personalidade, que instigam ficções;

- o nome que atribui sentidos ao lugar e o lugar que adensa os sentidos do nome.

Vale citar também um repertório teórico-prático no qual esta pesquisa sedia fortes referências:

2 Disponível no vídeo <https://vimeo.com/147978228>. Atividade integrante do curso “Entre o livro e Lugar” (SESC CPF 2016), com as atrizes-leitoras Lilian de Lima e Karen Menatti.

- Os Atlas, como livros plenos de lugares em seu interior: *Atlas Mnemosine* de Aby Warburg, *Atlas* de Jorge Luis Borges, *Atlas portátil da América Latina* de Graciela Speranza, *Atlas des Lieux Maudits* de Olivier Le Carrer, *Infinite City: A San Francisco Atlas* e *Unfathomable City: A New Orleans Atlas* de Rebecca Solnit, *Dicionário dos Lugares Imaginários* de Gianni Guadalupi e Alberto Manguel. Incluo também o *Atlas Mikro-mega* do artista alemão Gerhard Richter, uma coleção de fotografias, recortes de periódicos, folhas de papéis e esboços que o artista reuniu a partir dos anos 60.

- o percurso e o deslocamento como metodologia de pesquisa e na sua relação com processos artísticos e literários, à luz de referências como a obra *Passagens* de Walter Benjamin, *Walk Scapes* de Francesco Careri e *Reflexões sobre o exílio*, de Edward Said.

- Trabalhos anteriores: que constituem tanto referência como exemplo da produção visual e textual decorrentes de investigações anteriores.

Apresento a seguir alguns dos trabalhos autorais realizados entre os anos de 2008 e 2018 a partir das possibilidades de relação entre texto, idioma, lugar e visualidade - em um recorte que contempla os territórios de línguas portuguesa e espanhola, foco deste certame - sob três eixos de abordagem:

A casa da origem transformada em livro – Santiago do Chile. Do catolicismo, do labirinto, do excesso de objetos e memórias, do pó e da inércia. Do acúmulo sobre o acúmulo. Da ação que faltava aos cômodos. Do organismo vivo que é sempre uma casa, até o momento de sua destruição.

Se “*Casas são livros de páginas muito grossas*”, talvez pudesse dar o mesmo peso às casas que eu escolhi como aos livros que tinha lido.

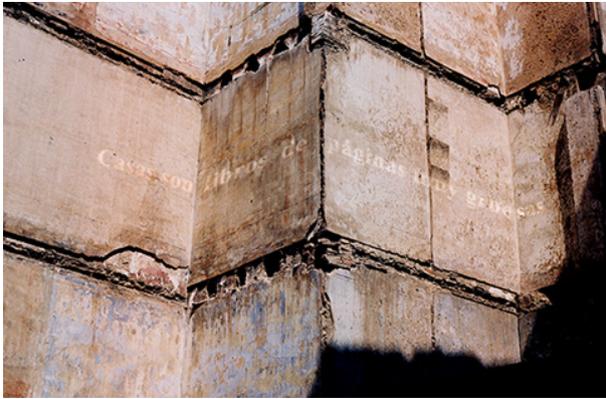


Imagem 1 – Casas são livros de páginas muito grossas, intervenção sobre fotografia, 2002.

A partir do desejo de portar comigo a velha casa da avó paterna, em Santiago do Chile, decidi reconstruí-la progressivamente através de reflexões visuais. Denominada Casapina, repleta de objetos e memórias que, juntamente com o adobe, multiplicavam-lhe o peso e a densidade, a casa revelou-se passível de ser pensada cômodo a cômodo. Lentamente e por partes, sobre diferentes impressões de ali se estar, como uma maneira de desenovelar o labirinto que era, de decupá-la como a um texto que tem demasiadas informações. Cada cômodo reconstruído como imagem caberia, assim, dentro do capítulo de um livro, dotado de leveza e portabilidade. Então a casa se transformaria, um capítulo após o outro, em livro. E eu seria capaz, finalmente, de carregar a casa comigo, aonde quer que fosse.

A construção poética ocorre como possibilidade de configuração de um espaço cotidiano, ativada pelas suas características mais peculiares.



imagem 2 - *Patio de Luz*, 2007, fotografia de performance, série de 6 imagens.
Em "Cercanías", Borges define: "Os pátios árabes, cheios de ancestralidade e eficácia, pois estão cimentados nas duas coisas mais primordiais que existem: na terra e no céu."



imagem 3 a e 3b- *Sala de Jantar/Comedor*, 2007, fotografia, série de 8 imagens.
O uso deste cômodo, onde há mais de 30 anos funciona a loja de pesca da família, teve sua função original de Sala de Jantar resgatada através de um tradicional almoço de domingo em família. Foi introduzida uma mesa no meio da loja e preparado um prato típico da culinária popular chilena, uma cazuela. Sobreposição de funções, usos e tempos.

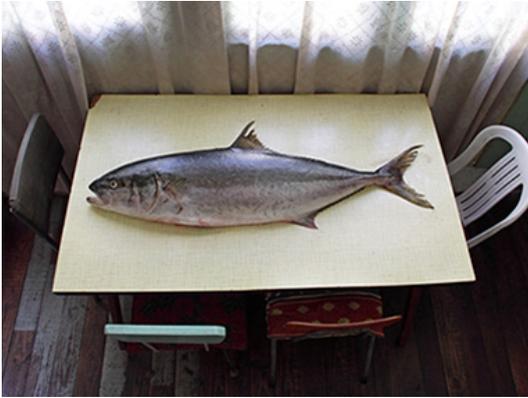


imagem 4 – *Copa/ Cocina americana*, 2009, fotografia, duas séries, dimensões variadas.
Ictus e a luz: o logotipo-arquétipo da casa. "Os objetos têm deixado de ser múltiplos e variados e singulares para confundir-se com as palavras que os nomeiam - os objetos essenciais." (JL. Borges)



imagem 5 - *Quarto de castigo/ Cuarto de castigo*, 2007, Fotografia, série de 3 imagens.
A parede desse pequeno quarto configurava quase que um mapa, com os pedaços de adobe expostos sob a cor azul desbotada. As dimensões reduzidas do lugar, a posição autoritária e centralizadora da lâmpada, pareciam apenas precisar da presença do homem para acomodar-se à nova função atribuída.



imagem 6 - *Fachada*, 2009, fotografia, série de 5 imagens. Uma pele de água foi sobreposta à calçada correspondente à fachada da casa. Só Casapina, solitária, era dona de um reflexo tão negro quanto próprio, durante uma noite. Para tornar-se a única casa, naquela rua, que possui um abismo particular:



imagem 7 - *El tango del Pasillo*, 2009, vídeo, 6'18'', em co-autoria com os bailarinos Gabriela Tápia e Gonzalo Beltrán. Barrio Brasil, Santiago, Chile. A campainha da casa toca. A porta se abre e os bailarinos dão início ao improviso. O tango acontece no corredor; filmado em plano-sequência. Tal como exige esse espaço aos movimentos que alberga: que sejam contínuos e com uma certa possibilidade de infinito, ainda que exista claramente começo, meio e fim. Como em todos os dramas.

Ao refletir sobre cada uma das experiências, vejo trabalhos que, em sua variedade e irregularidade, constituem diversos momentos desse habitar, como resposta a meios e situações às quais respondo com ações diversas, no esforço de compor um universo particular dentro da situação da casa. No Chile, o país de origem onde nunca havia morado, o tema da casa me era naturalmente mais caro e particular, preenchido de afetos e familiaridade. O habitar começa diretamente atado à presença dessa casa carregada de significados herdados, os quais por vezes se deixam ver, por outras se tornam mais obscuros e subservientes à situação presente.

A busca de sentido não tem necessariamente a ver com postulados implícitos na idéia da casa e da arquitetura. A construção e invenção de sua poética se dá no decorrer da vivência do interior, do exterior, do que não funciona mais, do que se evapora, do que expõe em vez de proteger, de um habitar que se reconhece pelo que é, pelo que pode ser e pelo seu fracasso. Assim, no decorrer do processo, percebo que não importa o dado sobre a escala da casa, mas a sensação de me encontrar a uma certa distância do teto, pisando sobre um chão de madeira que range a cada passo. Onde a casa configure antes o lugar do desenraizamento que da acomodação, do cansaço e do esgotamento antes do repouso. Onde a tipologia e o estilo cedam lugar a outras formas que se impõem trás a ação do desgaste, do descascado das paredes, de uma passagem que não estava prevista e foi aberta obedecendo a normas de dimensões não humanas.

Me parece que todas estas ações tem no seu cerne a mesma pergunta: é possível habitar desta maneira?

No conto do escritor marroquino Bernard Collet, *Elle, si proche de la mer*, ele nos conta de uma casa que, ainda que estivesse em qualquer outro lugar, desmontada, reconstruída, ela sempre permaneceria onde é sonhada, dentro desse estreito limite entre a realidade

e a ficção. Afinal, “*ela sabe que é ali onde eu me encontro bem*”. Me parece ser o lugar onde desejo reconstruir estas casas e territórios. Ou onde me seria possível habitá-los.

Do deslocamento a Buenos Aires a partir dos lugares contados por Jorge Luis Borges.

BORGEANO, a. adj. (t. borgiano, borgeseano) Relativo à obra do escritor Jorge Luis Borges. II 2 Lit. Diz-se da literatura sobre a literatura e das escrituras que citam, parodiam e amplificam o canon ocidental. II 3 Fil. Diz-se de uma crítica à noção de realidade que questiona as coordenadas tradicionais de tempo e espaço. II 4 fig. Aplicado às situações que ocultam, sob uma aparência banal, algo secreto ou enigmático. II 5 Intrincado, paradoxal. In Cosmópolis, Borges y Buenos Aires. Catálogo, 2002.

A pergunta ao me dirigir a Buenos Aires poderia ser: o que será conhecer uma cidade a partir do pressuposto da impregnação do borgeano?

Convém não reduzir o borgeano, que se modifica continuamente, aos tópicos simbólicos que o próprio Borges se encarregou de renovar – tigres, espelhos, labirintos, espadas, o duplo, a biblioteca. No catálogo Cosmópolis, encontra-se uma bela definição do que poderia ser definido como processo de trabalho, ou simplesmente como relação estabelecida com a cidade:

Nas cidades que a memória constrói cabem as fragmentadas paisagens que a vertigem ou a emoção expandem até fazer do instante uma forma perdurável. A memória do escritor é herdada com a credulidade com que se recebem lembranças alheias. Estudamos essa memórias, as documentamos, as dissecamos,

confiamos no mapa e adentramos no território. No entanto, o essencial só começa a ser intuído quando aprendemos a liberar-nos do acúmulo de olhares que não nos pertencem. (...) É então quando os armazéns rosados, as ruas despovoadas, os pátios melancólicos ou os atardeceres que se parecem ao amanhecer adquirem outro sentido. Não recordamos que estavam assim antes de Borges. Simplesmente nos abandonamos à beleza de um instante que é intimamente nosso. É quando a Buenos Aires de Borges pode ser recebida como uma forma emancipada da sensibilidade poética. O instante é nosso.

No confronto com uma obra ou idéias tão poderosas como as de Borges, o abordar um lugar pelo viés inicial de um escritor pode ser tão interessante quanto limitante. Dessa forma o processo exige ao mesmo tempo o olhar do outro, pairando a título de memória, e a tábula rasa, o momento presente do encontro com o novo, a possibilidade de assombro. Borges sabia que é difícil se emocionar e se assombrar de memória. Como diz em “*O jardim dos Caminhos que se Bifurcam*”:

Apesar de meu pai ter morrido, apesar de ter sido um menino num simétrico jardim de Hai Feng, eu, agora, ia morrer? Depois refleti que toda as coisas nos acontecem, precisamente, precisamente agora. Séculos de séculos e apenas no presente ocorrem os fatos; inumeráveis homens no ar, terra e mar, e tudo o que realmente sucede, sucede a mim...

Uma cidade que foi fundada duas vezes, e ainda uma terceira vez pelo escritor, que desloca sua origem a Palermo, o bairro da infância. A topografia borgeana começa por caminhar pelos limites da cidade: transitar pelas margens, pelas *orillas de la urbe*, desloca e desfoca

o centro, despovoava a cidade. Operação semelhante à realizada com o país, que se reconhece periférico. A idéia de localismo, porém, é logo rejeitada: os localismos não deveriam ser descartados apenas por serem arbitrários, mas também por serem um culto importado da Europa, uma invenção recente e estéril. “O verdadeiramente nativo pode e deve prescindir da cor local.” Ele parece dizer que é um erro se preocupar em ser ou expressar o que por azar ou destino já se é.

A ficção invade a realidade, deixando apenas os detalhes que possam dotar de verossemelhança a trama. “La realidad cedió en más de un punto. Lo cierto es que anhelaba ceder.”

Buenos Aires era uma cidade da qual me lembrava quando a visitei pela primeira vez, na adolescência. *Sabia que às vezes o labirinto da cidade não estava nas ruas nem nas confusões de tempo, mas no comportamento inesperado das pessoas que ali viviam.*³ A cidade aconteceu entre uma biblioteca magistral e vazia e um sebo de livros labiríntico e abarrotado. O sebo não continha um livro de areia, apesar de ser quase infinito, mas a (ex-)Biblioteca, que havia sido Nacional e dirigida por Borges durante 20 anos, parecia muito mais condizente a um bibliotecário cego sem os seus livros do que com eles.

A língua de Buenos Aires mudava tão rápido que primeiro apareciam as palavras e depois chegava a realidade, e as palavras continuavam quando a realidade já era passado. O que acontece com as pessoas também acontece com os lugares: a cada momento mudam de humor, de gravidade, de linguagem. Uma das expressões comuns do habitante de Buenos Aires é “Aqui não me acho”, que equivale a dizer: “Aqui não sou eu”.⁴

3 Tomás Eloy Martínez, trechos de “El cantor de tango”.

4 Tomás Eloy Martínez, trechos de “El cantor de tango”.



Imagem 8 - *Biblioteca Universal de Bolsillo*, 2013, Fotografia, série de 5 imagens. Lugar: Sebo El Glyptodón. A que tudo contém, apesar de caber no bolso e ser facilmente transportável.

Para chegar às teias de aranha das estantes, subia-se por labirintos circulares que desembocavam, quando se sabia o caminho, em um corredor de teto baixo, contíguo a uma cúpula aberta sobre o abismo de livros. (MARTINEZ, 2004)



Imagem 9 - *Antilope*, 2013, fotografia de instalação, 3 imagens sequenciais. Ele nos observa desde o fundo de um corredor em ruínas, em um zoom que nos aproxima sequencialmente. Um morador da biblioteca, como tantos outros.

Hoy te evoco emocionado, dizia o tango, e eu sentia que esse conjuro bastava para desvanecer os vidros do chão e apagar as teias de aranhas e o pó. (MARTINEZ, 2004)



Imagem 10 a, b, c - *Dos Caballos*, 2013, fotografia de performance, 7 imagens sequenciais. Ao cavaleiro em bronze foi emparelhado, simetricamente e sob todos os ângulos das ruas que ali desembocam, a figura de um cavaleiro em carne e osso. *Em toda grande cidade existe, como se sabe, uma dessas linhas de alta densidade, semelhante aos buracos negros do espaço, que altera a natureza dos que a atravessam.* (MARTINEZ, 2004)



Imagem 11 - *Missing Names*, 2013, fotografia de ação, série de 97 imagens. Na grande sala restaram apenas as estantes, numerosas e cobertas de anos de camadas de pó. A elas serão devolvidos, senão os livros, pelo menos os nomes de seus autores. As fotografias registram a ação de escrever; sobre a poeira, os 96 nomes (+ 1, o de Jorge Luis Borges) gravados nas colunas da biblioteca. *Caminhamos muito e tive a impressão que nada estava no lugar que deveria estar. Borges dissera, citando o bispo Berkeley, que, se ninguém percebe uma coisa, ela não tem por que existir, esse est percipi. Por um momento senti que essa frase podia definir a cidade inteira.* (MARTINEZ, 2004)



Imagem 12 - *Babel*, fotografia de instalação - 20 imagens. Sebo El Glyptodón, 2013. Espelhos são colocados no interior do sebo, transformando o indefinido em infinito. (...) Respondi que, fazia muito tempo, eu tinha estudado uma idéia parecida do filósofo escocês David Hume: A repetição nada muda no objeto repetido, mas sim no espírito que a contempla. (MARTINEZ, 2004)



Imagem 13 - *Hospital*, livro (foto-romance), 66 páginas. Hospital Rivadavia, 2014. Recorte de trechos do livro "El último cantor de tango" de Tomas Eloy Martínez, onde a personagem central do romance se encontra nas dependências de um hospital em Buenos Aires. As imagens são dos espaços do mesmo hospital, hoje em ruínas. (frase: *Se movía con lentitud, como si llevara a la rastra todos los sufrimientos de la condición humana*)



Imagem 14 - *Sin Palabras*, 2013, Vídeo, 4'21". Músicos Trio Camandulaje - Eva Fiori (voz), Ignacio Fernández (violão), Álvaro Del Águila (bandoneón). Ex-Biblioteca Nacional de Argentina. A música empresta o nome ao vídeo: *Sin Palabras*, que canta ausências na exata medida da grande sala esvaziada.

Senti que sobre aquela música caía não apenas um passado, mas todos os que a cidade tinha conhecido desde os tempos mais remotos, quando não passava de um capinzal inútil. (MARTINEZ, 2004)

De deslocamentos para o lugar do cotidiano, na própria cidade - São Paulo.

Un hombre se propone la tarea de dibujar el mundo. A lo largo de los años puebla un espacio con imágenes de provincias, de reinos, de montañas, de bahías, de naves, de islas, de peces, de habitaciones, de instrumentos, de astros, de caballos y de personas. Poco antes de morir, descubre que ese paciente laberinto de líneas traza la imagen de su cara."

El hacedor (Emecé, 1960), Jorge Luis Borges

Propor-se um território desconhecido em oposição ao conhecido, dentro dos limites da própria cidade de São Paulo. Na ideia de abordar o lugar a modo de tábula rasa, dentro de uma mesma cidade, no acessar a tradicional (porém nem sempre em um só sentido) dicotomia centro-periferia. Na proposição da errância como experiência estética. Na possibilidade de examinar o conceito de “ficção” como uma potência de deslocamento e de produção de imagens a partir da literatura.

Em uma espécie de arqueologia urbana, restituindo sentido a lugares esquecidos, como a extinta Cinelândia paulista no trabalho visual-literário *Cinema: Ipiranga*.

Cinema: Ipiranga foi realizado na cidade de São Paulo a partir de derivas no centro paulista e da descoberta da extinta Cinelândia da avenida São João, oculta atrás de cartazes publicitários, transformada em igrejas evangélicas, cinemas pornô ou estacionamentos, onde muitas vezes era necessário um esforço de reconstrução mental e comparativo para encontrar sinais dos antigos cinemas. *Cinema: Ipiranga* utiliza fotografias produzidas a partir da premissa de registrar os espaços internos do Cine Ipiranga (fechado e inativo havia sete anos) sob a luz da projeção dos primeiros filmes realizados na história do cinema. As projeções escapavam da tela da grande sala para ocupar saguões, hall de entrada, escadarias e a própria platéia, reabitando o cinema com uma população fantasmática em movimento. As imagens fotográficas resultantes são acompanhadas de um texto híbrido, resultado da mescla entre a ficção “A Invenção de Morel”, de Adolfo Bioy Casares, e um relato autobiográfico, produzido a partir da experiência no cinema.

CINEMA: IPIRANGA

Ontem à noite, pela centésima vez, entrei na sala vazia. Já no saguão da entrada posso ver esse público não pagante que

ainda frequenta o cinema. Esse que o habita. Por sua aparição inexplicável, poderia supor que são efeitos em meu cérebro do calor da noite passada. Mas aqui não há alucinações nem imagens: são homens e animais de verdade, ao menos tão de verdade quanto eu. (...)

Quem sabe por qual destino de condenado à morte eu os observo, inevitavelmente, o tempo todo. Dançam entre as poltronas, ricas em ácaros, pulgas e baratas.

Observo com algum fascínio esses abomináveis intrusos, fico tanto tempo sem ver gente... mas seria impossível observá-los o tempo todo. Há o perigo que me surpreendam observando-os. E há também a dificuldade material para vê-los: parecem gigantes fugazes, posso vê-los quando se aproximam dos limites do balcão superior, como potenciais suicidas. (...)

Temia uma invasão de fantasmas, mas temia mais uma invasão de vivos. Decidi revistar o cinema, sem encontrar nada, mas seguia inquieta. Me custava, depois, todo o tempo em que estive ali, distinguir entre os ecos dos passos, os suspiros, e minha projeção dos ruídos possíveis. Quando não os ouvia, o silêncio se tornava muito pior, tão denso quanto esse ar encerrado.⁵

Na elaboração de outras escritas, o próprio caráter literário do texto ficcional de origem em relação com as imagens produzidas exigiu o desenvolvimento de uma forma escrita de caráter experimental e investigativo, que acabou por se tornar parte do próprio trabalho visual, tal a organicidade da relação estabelecida. Outras vezes, apropriações de textos ficcionais são assumidamente mesclados à apresentação das

5 Trechos do texto híbrido entre o relato *Cine Ipiranga*, de Patricia Osses, e a ficção *A invenção de Morel*, de Adolfo Bioy Casares.

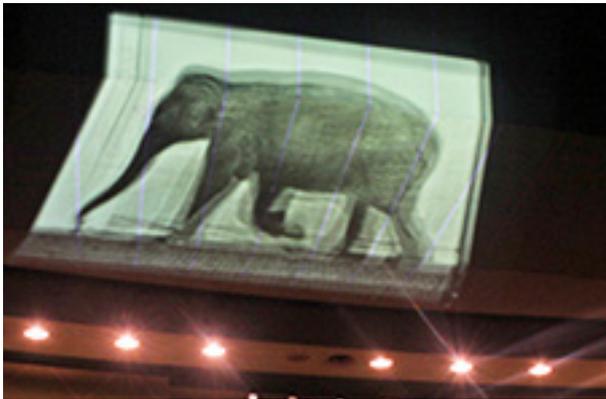


Imagem 15 a e 15 b: *Cinema: Ipiranga*, Fotografia de projeção e texto "Ipiranga", série de 15 imagens. Lugar: Cine Ipiranga, São Paulo, 2012.

obras, na busca de atender necessidades internas dos trabalhos, para dar conta de uma narrativa que se iniciou nele mesmo.

Outros lugares cotidianos podem ser Rio de Janeiro, Tours ou Nevers, na França, locais de tantos outros trabalhos visuais nesse período. Mas poderiam ser qualquer lugar.

Poderiam ser ABATON, que é uma cidade de localização variável. Embora acessível, ninguém ainda chegou a ela. Sabe-se que os viajantes com destino a Abaton vagueiam durante muitos anos sem jamais conseguir ao menos um vislumbre da cidade. Alguns, no entanto, viram-na erguer-se de leve, acima do horizonte, especialmente ao crepúsculo. Inexplicavelmente, essa visão provocou grande alegria em alguns, enquanto outros sofreram uma dor terrível. (...) Sir Thomas Bulfinch, que viu os contornos de Abaton quando ia de Glasgow para Troon, na Escócia, descreveu os muros como “amarelados” e mencionou uma música distante, algo semelhante à produzida por um cravo, que vinha do interior dos portões. Mas isso parece improvável.⁶

É improvável também que dois edifícios conversem. Parecia um conto: transpor um edifício inteiro a cem metros de seu lugar original. Um edifício precisava ser destruído pra que o outro, exatamente igual, existisse. Se eles pudessem conversar durante o breve momento em que chegaram a co-existir, suas vozes talvez assumissem o timbre de um violoncello. E a conversa se transformaria no concerto para dois violoncellos, de Vivaldi, pleno e muito claro em simetrias. Ambos os edifícios siameses, de Paulo Mendes da Rocha, insistiam em trazer referências mais de uma igreja que de uma galeria. Para uma igreja-galeria parecia fazer muito sentido recorrer à mais nobre função dos edifícios religiosos: a de amplificar os sons ali dentro produzidos.

A realidade se parece, assim, com apenas mais uma das ficções possíveis.

6 *Dicionário dos Lugares Imaginários*, Manguel e Guadaluppi, ed

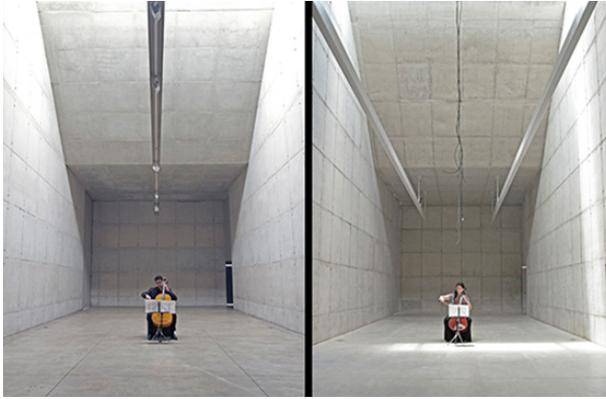


Imagem 16 (díptico) : Concerto para edifício transposto, vídeo, 12'17".
Músicos: Daniela Paciello (violoncelo 1), Guilherme Faria (violoncelo 2 e piano). Concerto para dois violoncelos em sol menor, de Antonio Vivaldi. Lugar: Galeria Leme 1, Galeria Leme 2, São Paulo, 2012.

Na sua continuidade pela paisagem urbana, a pesquisa pretende situar atribuições de sentido a paisagens, cidades, ruas e edificações ao aprofundar o repertório literário e ficcional, abrindo o leque de autores a outras produções e assumindo o percurso como objeto empírico de investigação e de experimentação. A realização de percursos pretende a uma “posta em lugar” (mis-en-lieu) ou localização do texto literário, abrindo ou estendendo o seu campo de significados (cultural, social, ficcional, simbólico, histórico) e finalmente experimentando um conceito de “literatura expandida”⁷. A experiência realizaria a ação

7 PATO, Ana. *Literatura expandida, arquivo e citação na obra de Dominique Gonzalez-Foerster*. Editora SESC. São Paulo, 2014. A abordagem pretendida, no entanto, se dirige a um sentido oposto ao explorado pela autora no seu conceito de “literatura expandida”, da citação e da colagem, e ruma em direção a uma ideia de “paralelismo permeável” entre obra textual e visual.

de “corporificar” esse texto, num processo que vai do verbo e da palavra à fisicalidade, do tempo narrativo (sequencial e linear) e virtual ao tempo do atual, do presente. Na hibridização da literatura com o campo de estudos da cidade, espaço e lugar (urbanismo, geografia, arquitetura, fotografia), a constituição de uma cartografia em torno de dispositivos ficcionais (contos, romances e histórias) culmina em incursões pela forma mapa/atlas e em uma produção poética (visual e escrita) como suportes que abrigam ao mesmo tempo um corpus textual e um corpus visual.

A reflexão continua, no imaginar em que medida o processo de apreensão e conhecimento de um lugar pode ser aprofundado, afetado e modificado pelo texto, assim como a experiência literária pode ser potencializada pelo espaço físico, provocando outras formas. É como a prática da experiência urbana pode se inserir no contexto de uma poética do cotidiano, que amplie conteúdos e significados ao definir lugares como receptáculos de textos, transformando a cidade em uma grande, vasta e mutável biblioteca viva, a ser experimentada como tal. Suas ruas, túneis, praças, vielas e edifícios passam, dessa forma, a conter ficções, poéticas e memórias oriundas do universo literário, assim como os volumes de uma biblioteca.

Evidenciam-se as práticas criativas a partir do espaço da cidade estabelecendo nexos entre imagem verbal, imagem visual e a noção de lugar (na sua concepção, construção e acontecimento). No desenvolver da investigação, procura-se um novo direcionamento no tipo de texto, que não necessariamente pertence ao lugar por verossimilhança ou atribuição, mas por designação, encaixe, sobreposição, paralelismo permeável, atribuição de sentido, interpretação, construção. O tema se abre tanto para a pesquisa do pensamento sobre as ideias de “lugar-imagem” e “lugar-texto” na direção de sua potência desenvolvida pelo cinema, literatura e artes plásticas, como no aden-

samento de uma produção poética relacionada. O âmbito é de uma diluição de fronteiras entre as poéticas, vertente assumida nos trabalhos anteriores aqui apresentados.

O texto modifica o lugar, o lugar modifica o texto na realização de percursos, adotando a deriva como procedimento de criação e entendimento do território.

A língua que consolida territórios – direções de uma pesquisa nas bordas: MS

Atualmente resido e leciono no centro-oeste brasileiro, tão distante como idéia na capital paulista, tão recentemente entendido como território visível no país. Centro e periferia, aqui, tem seu sentido geográfico invertido em relação a seu protagonismo nacional: centro (do país, do continente) vira borda, vira importância periférica, num país voltado para um litoral que contém historicamente ocupações, densidades e acontecimentos que constituem seu verdadeiro centro.

Em Goiânia(GO), no desativado edifício do Jóquei Clube - novamente Paulo Mendes da Rocha - alguns saltos ornamentais voltaram às piscinas em ruína, há tanto tempo sem água. Uma cidade, que a setenta anos de sua fundação já flerta com seu estado de ruína, parece querer nos convencer que somos “*Sempre passageiros, nunca residentes*”. Como diria o antropólogo Claude Levi-Strauss, no trabalho “passageiros residentes”, constituído por frases impressas nos espelhos do Grande Hotel, onde se hospedou em 1936, sobre a recém-inaugurada capital:

Nenhuma história, nenhuma duração, nenhum hábito lhe saturara o vazio ou lhe suavizara a rigidez. (...) Sempre passageiros e nunca residentes.



Imagens 17: Suspensos, instalação em fotolambe – fotografias do acervo Joquei Clube de Goiás (anos 40), ampliadas e fixadas nas dependências de suas ruínas. A devolução das imagens a seu lugar de origem.



Imagem 18 a, b, c: passageiros-residentes, instalação: colagem de letras espelhadas sobre espelho, Grande Hotel de Goiânia (hoje desativado). Frase do antropólogo Claude Levi-Strauss quando hospedado no hotel (1936).



Apesar de uma perda de aproximadamente 85% das línguas nativas, o Brasil segue, ainda, com a maior diversidade lingüística das Américas. Com a segunda maior população indígena do país (cerca de 15%), os povos indígenas do Mato Grosso do Sul ocupam apenas 0,6% das terras demarcadas no Brasil para os povos autóctones.

O seminário internacional Espaços Narrados propõe discutir as ações produzidas pela consciência inscrita nas línguas portuguesa, espanhola e nativas da América ao se confrontar com o desafio do conhecimento do espaço, do território, da paisagem e do lugar. Em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, onde a língua portuguesa insiste em ignorar todos os idiomas anteriores - em processo de apagamento há séculos - as línguas autóctones persistem como território, muitas vezes como único lugar possível de visibilizar e definir. Segundo o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, o Mato Grosso do Sul é a “faixa de Gaza brasileira”, fazendo alusão aos acampamentos de beira de estrada do povo Guarani-Kaiowá, que ocupam essas faixas na esperança de reaver suas terras sagradas, seu Tekoha. Territórios estes altamente marcados por conflitos e violações de direitos humanos.

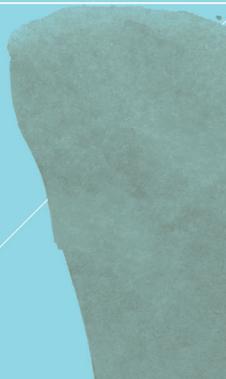
Encerro estas reflexões visuais introduzindo um próximo território de investigação que apenas começo a compreender, vislumbrando uma visualidade que entenda esse estreitamento de significados entre povo, língua e território, dentro de suas complexidade e integridade próprias e nomeando aqui esses territórios-idiomas-lugares que resistem e permanecem, apesar de tudo, há quinhentos anos: Atikum, Guarani-Kaiowá, Guarani-Ñandeva, Guató, Kadiwéu, Kiquinau, Ofaié e Terena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte, : Editora UFMG, 2006.
- BIOY CASARES, Adolfo. *La Invención de Morel*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1968.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. Buenos Aires: Ed. Emecé, 2007.
- ELOY MARTINEZ, Tomás. *O cantor de tango*. Tradução Sérgio Molina - São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GRAU, Cristina. *Borges y la arquitectura*. Madrid, Ediciones Catedra - Ensayos Arte, 1997.
- MANGUEL, Alberto e GUADALUPI, Gianni. *Dicionário de Lugares Imaginários*. Editora: Companhia das Letras. São Paulo, 2003.
- PATO, Ana. *Literatura expandida, arquivo e citação na obra de Dominique Gonzalez-Foerster*. Editora SESC. São Paulo, 2014.
- PEREC, Georges. *Especies d'espaces*. Paris: Editions du Regard, 2006.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- Cosmópolis, Borges y Buenos Aires – catálogo*, 2002, Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona.

v

m



Copyright © 2019 FAU/USP

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa e composição: Gabriel Pedrosa, Calixto Comporte e Marina Rigolletto

II Seminário Internacional Espaços Narrados: as línguas na construção dos territórios ibero-americanos. JORGE, Luis Antonio (Org.). São Paulo: FAU/USP, 2019. 1228 p. : il.

ISBN: 978-85-8089-167-6

Encontro realizado em São Paulo, de 04 a 07 de junho de 2019.

1. Linguagem e línguas 2. Arquitetura 3. Literatura 4. Mapas; Atlas; Cartografia; Representações gráficas 5. Geografia e História I. Título.

realização



apoio



II SEMINÁRIO INTERNACIONAL ESPAÇOS NARRADOS AS LÍNGUAS NA CONSTRUÇÃO DOS TERRITÓRIOS IBERO-AMERICANOS

COMISSÃO ORGANIZADORA

Agnaldo A. C. Farias

Ana Claudia S. V. Castro

Fernando Paixão

Fernanda Fernandes da Silva

Gabriel Pedrosa

Guilherme T. Wisnik

Íris Kantor

Joana Barossi

Jorge Figueira

Klara Kaiser Mori

Luís Antônio Jorge

Luis Carlos B. Ludmer

Marta V. Boga

Paulo T. Iumatti

Ana Vaz Milheiro

COMITÊ CIENTÍFICO

Luís Antônio Jorge – FAU/USP – São Paulo - (presidente)

Ana Maria de Moraes Belluzzo – FAU/USP – São Paulo

Ana Claudia S. V. Castro – FAU/USP – São Paulo

Marta V. Boga – FAU/USP – São Paulo

Fernando Paixão – IEB/USP – São Paulo

Paulo T. Iumatti – IEB/USP – São Paulo

Iris Kantor – FFLCH/USP – São Paulo
Fraya Frehse – FFLCH/USP – São Paulo
Abílio da Silva Guerra Neto – FAU/UPM – São Paulo
Cecília Rodrigues dos Santos - FAU/UPM – São Paulo
Lucrecia D’Alessio Ferrara – PUC/SP – São Paulo
Margareth Aparecida Campos da Silva Pereira – FAU/UFRJ – Rio de Janeiro
Robert Moses Pechman – IPPUR/UFRJ – Rio de Janeiro
Ana Luiza Nobre – PUC/RJ – Rio de Janeiro
Flávio de Lemos Carsalade – EA-UFMG – Belo Horizonte
Paola Berenstein Jacques – FA-UFBA – Salvador
Angela Prysthon – UFPE – Recife
Maria Stella Martins Bresciani - IFCH/UNICAMP – Campinas
Alex S. Calheiros de Moura – IHD/UnB – Brasília
Carlos Eduardo Comas – UFRGS – Porto Alegre
Maria Madalena A. Cunha Matos - FA/UL – Lisboa
Ana Cristina F. Vaz Milheiro – FA/UL – Lisboa
Pedro António Janeiro – FA/UL – Lisboa
Jorge Figueira – CES/UC – Coimbra
Luís Eugénio da Silva Lage – FAPF/UEM – Maputo
Alejandro Tapia – UAM-Xochimilco – Cidade do México
Luis Antonio Rivera Díaz – UAM-Cuajimalpa – Cidade do México
Mariana Ozuna Castañeda – FFL-UNAM – Cidade do México
Adrián Gorelik – UNQ – Buenos Aires
Graciela Silvestri - Universidad Nacional de La Plata
Jorge Vicente Ramírez Nieto – UNC – Bogotá
Sharif Samir Kahatt Navarrete – PUC Peru - Lima
Victoria Saramago – The University of Chicago
Bruno Carvalho – Faculty of Arts and Sciences – Harvard University

